

À CERCA DE UMA ENTREVISTA DO SENHOR PRESIDENTE DA EX-DIRECÇÃO G.

Carlos Amorim, presidente da antiga direcção da AAC concedeu uma entrevista ao jornal de Notícias. Este comunicado que se segue foi enviado pela DGP a esse jornal com pedido de publicação ao abrigo da lei de imprensa no sentido de desmascarar todas as afirmações por ela feitas.

Em relação à entrevista concedida na passada terça-feira, dia 21 de Janeiro pelo ex-presidente da AAC, ao jornal de notícias, entende a Direcção Geral P^mvisória ser necessária uma tomada de posição que desmistifique perante todos os estudantes progressistas e o povo português, as afirmações que aí foram feitas.

Um aspecto que realça da entrevista, é a tentativa feita pelo Sr. ex-presidente de confundir as justas lutas revolucionárias travadas pelos estudantes nos últimos tempos, com uma pretensa campanha anti-comunista, e que certos sectores de estudantes "pouco esclarecidos" teriam sido sensíveis. O que o Sr. ex-Presidente não disse foi qual tinha sido a posição da anterior Direcção Geral em relação a esses importantes processos de luta, encetados após o 25 de Abril. Então, Sr. Carlos Amorim, já não se lembra da posição defendida pela Direcção a que pertencia, quando os estudantes decidiram abolir os exames, por estes constituírem um marco fundamental da selecção e repressão do caduco ensino da burguesia fascista? Foi acusada esta justa aspiração de lançar o "caos pedagógico" nas escolas, o que... "serviria os objectivos da reacção". Os milhares de estudantes que tomavam esta decisão eram, assim, rotulados de reaccionários, "anti-comunistas" como diz o Sr. ex-Presidente. É em relação ao saneamento de fascistas? Alguma vez a ex-Direcção defendeu que o saneamento fosse decidido em amplas reuniões de estudantes, onde se denunciasses as actividades dos fascistas, para em seguida se levar à prática o seu efectivo saneamento pelas massas? A posição da ex-Direcção era, pelo contrário, a de apelar para que se fornecessem elementos a umas tais "comissões de inquérito" que durante muito tempo nada de concreto apresentaram. Quando notórios fascistas foram expulsos à força das escolas, ninguém viu nenhum dos ex-dirigentes da A.A.C., pois que isso era capaz de... "servir a reacção".

No que diz respeito às campanhas de alfabetização, Sr. ex-Presidente, pois bem, também nós pensamos que são de interesse "geral" e que iriam beneficiar e elevar os conhecimentos do povo. Agora o que já não concordamos é com o modo como vocês as conduziram e controlaram e com o carácter pseudo-progressista que vocês lhe deram. As vossas campanhas de alfabetização não passam de uma maneira geral, de um passatempo festivo aproveitado pelos "senhores doutores" veraneantes da cidade para ir passar férias ao campo. É de notar porém, que ainda houve algumas brigadas que erranjerem tempo para

nos intervalos, ensinar os camponeses a escrever e a ler algumas palavras e para prescrever as regras de sanidade e higiene (de como lavar os dentes, ou cortar as unhas...), esquecendo-se porém de que perto de onde falevam havia muitas vezes estrumeiras, de que as casas dos camponeses não tinham esgotos nem canalizações, etc.

Defendemos sim, que as campanhas não devem ser desligadas da realidade social onde se inserem, não devem ser desligadas do princípio que diz "ser aluno antes de ser mestre" e aprender com o povo seu trabalho, os seus ideais de luta e as suas justas aspirações para que melhor possamos lutar por um ensino ao serviço do povo e colocar-mo-nos ao seu lado na concretização das suas justas reivindicações.

A comissão pró-Unep é outra das questões levantadas pelo ex-"dirigente" reformista. Como é que a Direcção encabeçada pelo Sr. ex-Presidente enviou delegados para esse tal comissão sem que para isso tenha consultado os estudantes numa única reunião sequer?

Parece-nos a nós, Sr. ex-Presidente que se preocupava menos com os estudantes do que em defender as propostas do MEC e do destacamento estudantil do partido do dr. Cunhal que - segundo afirma - "nada tinha a ver com a anterior Direcção".

Podiam ser dados outros exemplos da traição dos reformistas às lutas estudantis, embora estas já sejam suficientes para vermos os interesses que estes "senhores" prosseguem e como, na realidade, eles estão contrs os estudantes e as suas iniciativas progressistas.

Nunca os estudantes de Coimbra ao demitirem os reformistas da direcção da A.A.C. se importaram muito com eles terem ou não cumprido o programa apresentado; os estudantes puseram sim em causa o carácter reformista desse programa, desmascarando-o.

O antigo presidente da direcção da A.A.C. não deixou ainda de aproveitar a oportunidade de lançar a confusão ao pretender identificar os elementos da actual direcção provisória da A.A.C. (composta por elementos dos Núcleos Sindicais) com o grupo de elementos afectos ao M.R.P.P. . E fê-lo por quê?

Fê-lo porque também tem perfeita consciência do isolamento desse grupo em relação às massas populares em geral e estudantis em particular.

Com efeito, no seio do movimento sindical em Coimbra, uma corrente progressista caracterizada por uma linha de actuação anti-reformista desenvolveu um trabalho constante desenrolando um processo em que as posições traiçoeiras dos reformistas iam sendo sucessivamente desmascaradas a nível de largos sectores de estudantes o que viria a culminar com a demissão massiva e sem margem para dúvidas (cerca de 800 votos contra perto de 300) da lista dirigida pelo senhor ex-presidente Carlos Amorim. Esta demissão foi o resul

tido de uma tomada de posição consciente e quando elegerem a actual direcção provisória os estudantes certamente tiveram em conta a actuação dos Núcleos Sindicais não só no processo concreto da demissão da direcção reformista mas de um modo geral em todos os processos que em Coimbra se desenvolverem até mesmo antes do 25 de Abril.

A D.G.P. de A.A.C.